

“Você é corintiano?
Então, eu também sou.
Sou porque você é.”

O Gerente Artilheiro

Era mais um daqueles domingos de Pacaembu lotado, tarde de 10 de julho de 1955. O Corinthians enfrenta o Benfica na decisão do Torneio Internacional Charles Miller. A escalação, qualquer criança sabia de cor: Gilmar, Homero e Alan; Idário, Julião e Roberto; Cláudio, Luizinho, Baltazar, Rafael e Nelsinho. Desses onze ases, Cláudio era quem mais chamava a atenção. Cláudio Christóvam de Pinho, o ponta-direita. O homem da camisa 7. O “Baixinho”, pois media apenas 1,62 metro de altura e não pesava mais que 60 quilos. O capitão. O cérebro. O Gerente.

O jogo segue disputado, 1 a 1 até os 35 minutos do segundo tempo, resultado que garante mais uma taça ao alvinegro. Porém, naquele dia, como já havia acontecido muitas vezes antes e ainda viria a acontecer em outras tantas oportunidades, Cláudio vai decidir tudo. Quando o árbitro alemão Horst Harden marca falta para o Corinthians na entrada da área, é ele, que já havia empatado o jogo cobrando um pênalti, quem se prepara para a cobrança. O histórico goleiro Costa Pereira – o maior de sua posição na história da Seleção Portuguesa, embora fosse moçambicano de nascimento – arma a barreira em cima da linha da grande área. Coloca-se no canto direito do gol. E fica esperando. Como sempre, o chute de Cláudio não sai com força, mas é muito, muito bem colocado. A bola, então, passa pelos homens da barreira, faz uma curva fantástica e, depois de bater

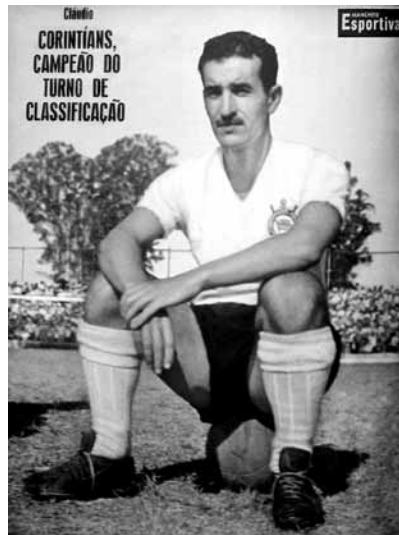
na trave esquerda, morre caprichosamente no fundo das redes do Benfica. “Mas foi um gol de *curbita*, pá!”, teria dito o atônito goleiro adversário, segundo o enredo de uma história que já virou lenda e até hoje é repassada aos corinthianos de geração para geração. Talvez seu lance mais famoso, seguramente o preferido pelo próprio jogador, conforme ele mesmo teve oportunidade de declarar repetidas vezes ao longo dos 77 anos que viveu.

Aquele, porém, foi apenas um dos 305 gols que, até hoje, fazem de Cláudio o maior artilheiro corinthiano de todos os tempos. Sempre que era perguntado sobre a razão de ter alcançado tal primazia, ele respondia: “Acho que foi por causa do longo tempo que fiquei no clube.” Pura modéstia. Foram, de fato, 12 anos, entre 1945 e 1957, ao longo dos quais, Cláudio entrou em campo 549 vezes com a camisa alvinegra. A esmagadora maioria daquelas partidas, em sua posição original, a hoje extinta ponta-direita, outras poucas quebrando um galho pela meia. Mas nunca na posição privilegiada de um centroavante, no meio da área, onde teria sido muito mais fácil fazer gols. Esse fato valoriza ainda mais seu recorde pessoal.

Cláudio era, antes de tudo, um preparador de jogadas, tão ou mais eficiente nesse aspecto quanto na arte de marcar gols, capaz de oferecer passes matemáticos para os pés do meia e cruzamentos precisos para a cabeça do centroavante. Que o diga Luizinho, com quem formou a ala direita corinthiana por oito anos, de 1949 a 1957. Que o diga, principalmente, Baltazar, eternizado como “O Cabecinha de Ouro”, em grande parte graças aos centros certeiros de Cláudio, executados sob medida para ele durante todo o período em que juntos defenderam o Corinthians, entre 1945 e 1957. Nas palavras da crônica esportiva de sua época, ele era o tipo de jogador “capaz de colocar a bola onde queria”. Uma vez no Corinthians, Cláudio também aperfeiçoou as cobranças de faltas e pênaltis, a partir da observação, nos treinos, dos métodos de um outro especialista, já tão consagrado quanto ele logo viria a ser: Hércules de Miranda. O “Dinamitador”, ponta-esquerda histórico do Fluminense e da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938, na França, preparava-se para se retirar do clube (e do próprio futebol) naquele iní-

cio de 1945, justamente quando Cláudio estava chegando ao Parque São Jorge, o estádio corinthiano. Ainda houve tempo, porém, para que os dois se cruzassem e para que Cláudio, humilde, bebesse um pouco da sabedoria do veterano quanto à arte da bola parada.

Destinos cruzados. Por incrível que possa parecer aos olhos de quem começa a conhecer sua história agora, Cláudio não começou a carreira no Corinthians. Nem mesmo a terminou. Sua trajetória como jogador de futebol, a bem da verdade, está diretamente ligada à história dos três maiores rivais corinthianos. Uma vez nascido em Santos (onde inclusive continuou morando por, praticamente, toda a vida), em uma segunda-feira, 17 de julho de 1922, nada mais natural que o filho de seu Bento Christóvam de Pinho e de dona Palmira Tavares de Pinho tivesse dado seus primeiros chutes como profissional no Santos Futebol Clube, desde sempre, o principal time da cidade. Em 1942, já considerado a maior revelação do futebol paulista, Cláudio não só se sagrou campeão estadual como fez história no Palmeiras, ao marcar o primeiro gol do antigo Palestra com seu novo nome, na vitória por 3 a 1 sobre o São Paulo que valeu o título daquele ano. Desvalorizado no Parque Antarctica, Cláudio voltaria uma vez mais à Vila Belmiro, entre 1943 e 1944, antes de aportar e se fixar no Parque São Jorge. Já veterano, 14 meses depois de trocar a função de jogador pela de técnico do próprio Corinthians, aceitaria um convite para voltar a correr atrás da bola justamente pelo último grande clube paulista que faltava em seu currículo, o São



Cláudio aos 35 anos, retratado pela revista Manchete Esportiva. Um eterno ídolo corinthiano

Paulo. Mas sem dúvida morreu corintiano. Na época em que ainda atuava, gostava de se definir como “alvinegro”, tanto em São Paulo quanto em Santos. Tempos depois, com o crescimento da rivalidade entre os dois clubes a partir do advento de Pelé, mudou de tática. Para todo aquele que punha em dúvida sua fé corintiana, por conta desse passado dividido, Cláudio respondia à pergunta, que invariavelmente lhe faziam, com uma outra: “E você? Você é corintiano? Então, eu também sou. Sou porque você é.”

No início de 1945, a Alemanha cedia cada vez mais terreno aos aliados, e a Segunda Guerra Mundial ia se aproximando do fim. A guerra particular do Corinthians era outra: reconquistar o título de campeão paulista, que não era seu desde 1941 e só voltaria a ser em 1951. A de Cláudio era reencontrar seu melhor futebol. Ele havia dado os primeiros chutes na areia da praia, antes dos dez anos de



Nos braços dos torcedores, Cláudio saboreia mais uma vitória

idade, época em que freqüentava o Grupo Escolar Visconde São Leopoldo. Depois, veio o Colégio Santista e os primeiros times, todos ainda amadores: Tricolor Santista, Glorioso de Santa Cecília, Palestra, Campos Salles, Ipiranga... Uniforme de verdade, incluindo chuteiras, o pequeno Cláudio só iria ver, mesmo, no gramado da Vila Belmiro, que passou a freqüentar a partir de 1939, nas chamadas Manhãs Esportivas, promovidas pelo Santos a fim de revelar novos talentos. Cláudio contava que, naquela época, o mordomo do clube tinha que se virar para arranjar um calção que servisse em seu corpo mirrado.

No Santos, Cláudio saltou rapidamente do infantil para o juvenil, e dali para o segundo quadro. Em 1940, estreou entre os titulares. No ano seguinte, sagrava-se campeão pela Seleção Paulista, que vinha perdendo seguidamente o Campeonato Brasileiro de Seleções para os cariocas desde 1937. Em 1942, Cláudio estreava na Seleção Brasileira, formando ala com o consagrado Zizinho e marcando um gol no 6 a 1 sobre o Chile, pelo Campeonato Sul-Americano disputado no Uruguai. Tudo ia acontecendo muito rapidamente na vida do “mignon” atacante, como ele era chamado. Na qualidade de “Menino de Ouro” da Seleção Paulista bicampeã brasileira em 1941 e 1942, Cláudio logo atraiu o interesse de um grande clube da capital, o Palestra Itália. Lá, foi campeão paulista como titular no momento da mudança do nome de Palestra para Palmeiras. Depois, passou a amargar a reserva. Insatisfeito, acabou voltando para o Santos, entre 1943 e 1944. Até que o Corinthians cruzou o seu destino.

Em campo, esse casamento durou quase 13 anos. Mais precisamente de 14 de março de 1945, data da estréia de Cláudio com a camisa corintiana, no Pacaembu, em um empate por 4 a 4 com o São Paulo, pela Taça São Paulo, até 29 de dezembro de 1957, quando, no mesmo estádio e diante do mesmo adversário, o Gerente despediu-se de sua Fiel com uma amarga derrota por 3 a 1, que acabou custando ao Corinthians o título paulista daquele ano. Entre as duas pontas, muito mais alegrias que tristezas.

A campanha no Campeonato Paulista de 1949 (quinto lugar entre doze participantes, posição que ainda por cima teve de ser dividida com o modesto Ypiranga) sinalizava que era tempo de renovação no Parque São Jorge. Ao lado de Baltazar, Cláudio seria um dos poucos titulares remanescentes naquela virada dos anos 40 para os 50, em que a equipe ganhou o sangue novo de gente como o goleiro Cabeção, o lateral-direito Idário, o centromédio Roberto Belangero e principalmente o meia Luizinho. Com sua juventude e mobilidade, o Pequeno Polegar, como passaria a ser chamado, veio trazer alento ao futebol do já maduro Cláudio. Todos esses novos jogadores foram garimpados pelo técnico José Castelli, o Rato, ele próprio um

ex-ídolo corintiano dos anos 20 e 30. Naquele final de 1949, em que a equipe fez os três primeiros jogos do ressuscitado Torneio Rio-São Paulo, começava uma nova era para o Corinthians. E para o próprio Cláudio Christóvam de Pinho, que já contava 27 anos.

Realizado pela primeira e única vez até então no ano de 1933, quando foi conquistado pelo Palestra Itália, o Rio-São Paulo havia caído em completo esquecimento. Até voltar a ser disputado entre o fim de 1949 e o começo de 1950, justamente o período em que o Corinthians começava a renovar seu elenco. Em dezembro, a equipe estreou mal na competição, goleada por 6 a 2 pelo Flamengo, em São Januário, no Rio. Naquela noite de quinta-feira, Cláudio marcou, de pênalti, um dos dois gols de honra corintianos. Surpreendentemente, porém, o Corinthians fecha o ano goleando o São Paulo por 4 a 1. E, até o final daquela competição, não perderia para mais ninguém. Em janeiro de 1950, fez 3 a 2 no Palmeiras (um gol de Cláudio), 2 a 1 no Vasco (mais um de Cláudio, de pênalti) e 3 a 1 no Fluminense, no Rio. Em fevereiro, fez 5 a 3 na Portuguesa (com outros dois gols de Cláudio, sendo um de pênalti) e empatou no Pacaembu com o Botafogo, 1 a 1, resultado que bastou para garantir o título inédito. Na falta de competições mais abrangentes, o Corinthians, como campeão do revivido Rio-São Paulo de 1949/50, passou a ser considerado pela imprensa da época como o “campeão dos campeões do Brasil”.

Dali em diante, o Corinthians passa a viver uma fase de fastio de glórias, sempre sob o comando e com a participação decisiva de seu capitão. No Paulista de 1950, a equipe, assim como o próprio Cláudio, não foi tão bem, repetindo o quinto lugar. Mas o ano seguinte, 1951, seria o da redenção absoluta. Uma década depois, o alvinegro finalmente voltava a conquistar o título paulista, e em grande estilo. Pela primeira vez na era profissional, uma linha de ataque – formada por ele, Cláudio, mais Luizinho, Baltazar, Carbone e Mário – conseguia ultrapassar a barreira dos 100 gols no Campeonato Paulista, superando, assim, o recorde do Santos, estabelecido em 1927, portanto ainda na era do amadorismo. No Campeonato Paulista de 1951, foram exatos 103 gols corintianos em 28 jogos, incríveis 3,67 gols marcados, em